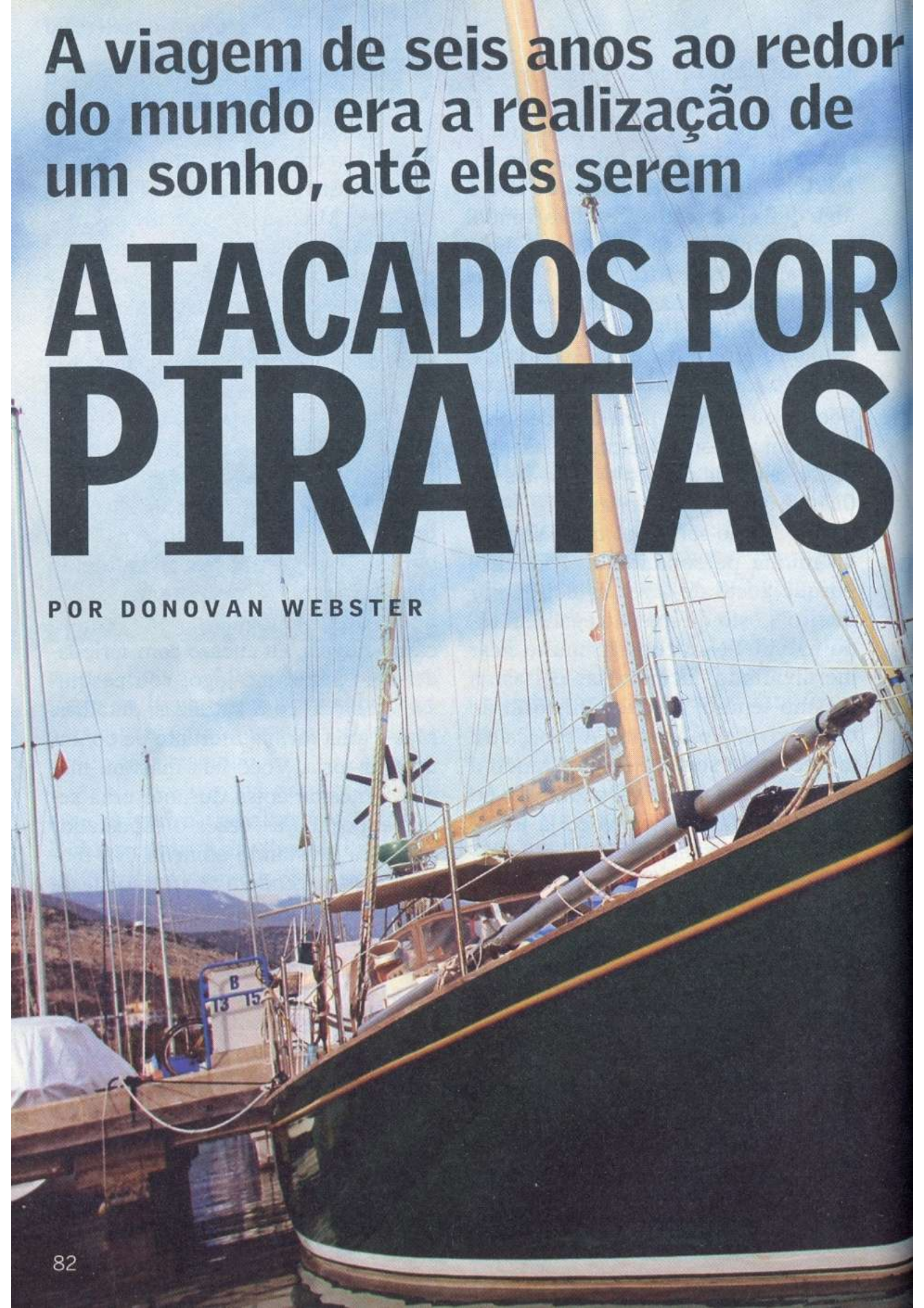
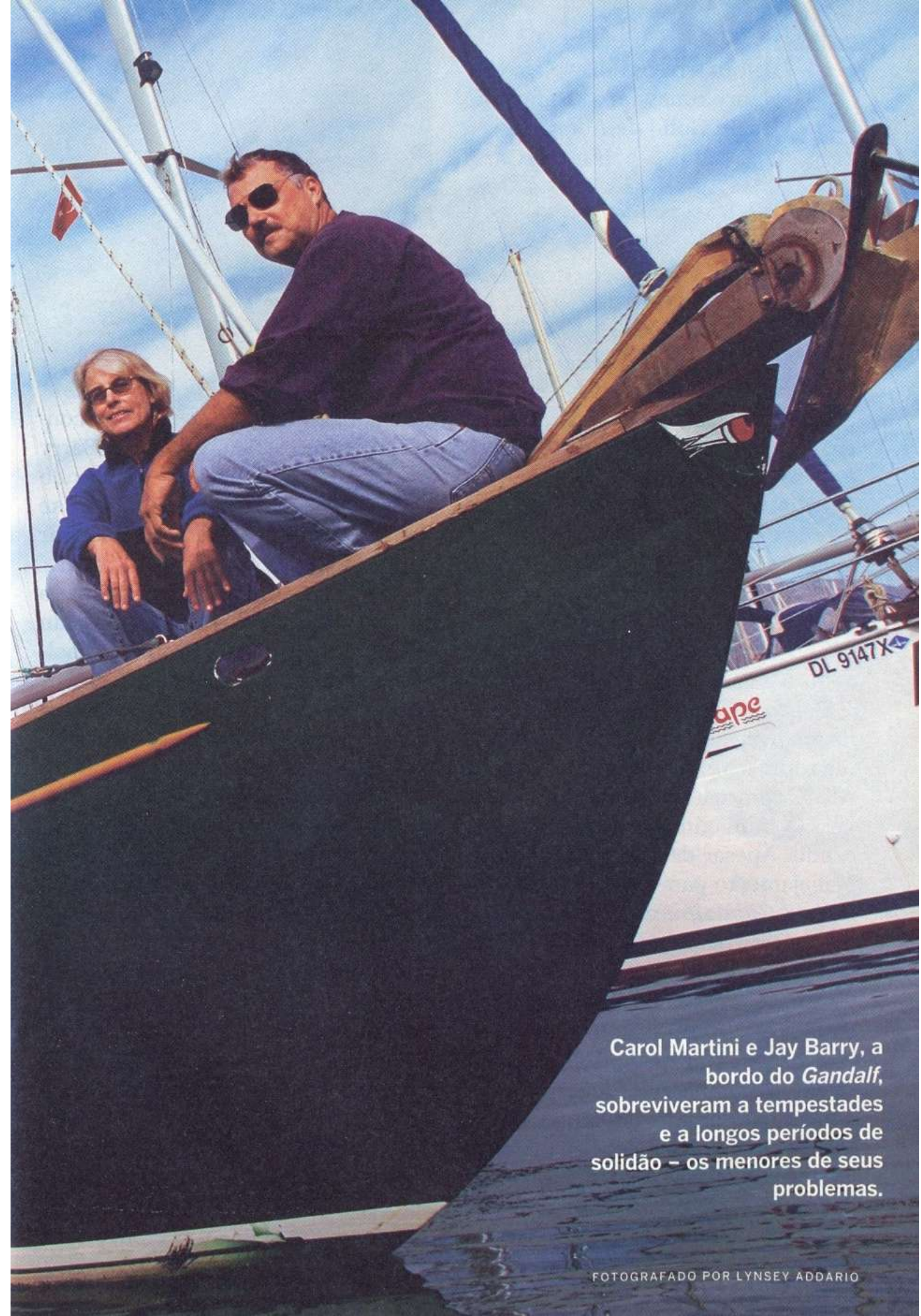


A viagem de seis anos ao redor do mundo era a realização de um sonho, até eles serem

ATACADOS POR PIRATAS

POR DONOVAN WEBSTER





Carol Martini e Jay Barry, a bordo do *Gandalf*, sobreviveram a tempestades e a longos períodos de solidão – os menores de seus problemas.

FOTOGRAFADO POR LYNSEY ADDARIO

ENQUANTO OS dois veleiros se aproximavam, avançando pelo Golfo de Áden, entre a Somália e o Iêmen, Carol Martini – na chalupa *Gandalf*, de 14 metros – observava o horizonte, ainda alheia ao perigo que se encontrava a 500 metros de sua proa.

Então, a distância, ela viu a silhueta de duas estruturas baixas contra o brilho do sol refletido na água. Pegando o aparelho de rádio, entrou em contato com a embarcação próxima, o *Mahdi*, e seu capitão, Rod Nowlin. “Ei, Rod!”, disse. “Acho que estou vendo algo.”

Carol gritou para acordar seu companheiro, Jay Barry, que estava dentro do barco. Ele logo chegou ao convés. “Vou ficar no leme”, avisou. “Recolha a bujarrona. Vamos em frente.”

Pouco depois, as embarcações distantes ligavam os motores, lançando uma fumaça negra no ar. E tiros de AK-47 começaram a explodir no convés. O inimaginável estava acontecendo. Apesar de várias semanas de planejamento para evitar exatamente isso, o *Gandalf* e o *Mahdi* estavam sob o cerco de piratas.

CAROL MARTINI, uma loura queimada de sol, é médica formada por Harvard e ex-professora dessa instituição. Em Jay Barry, 53 anos, ela encontrou o parceiro ideal. Extremamente divertido, Barry financiou a expedição depois de vender sua empresa de restauração de carros, no norte de Boston.

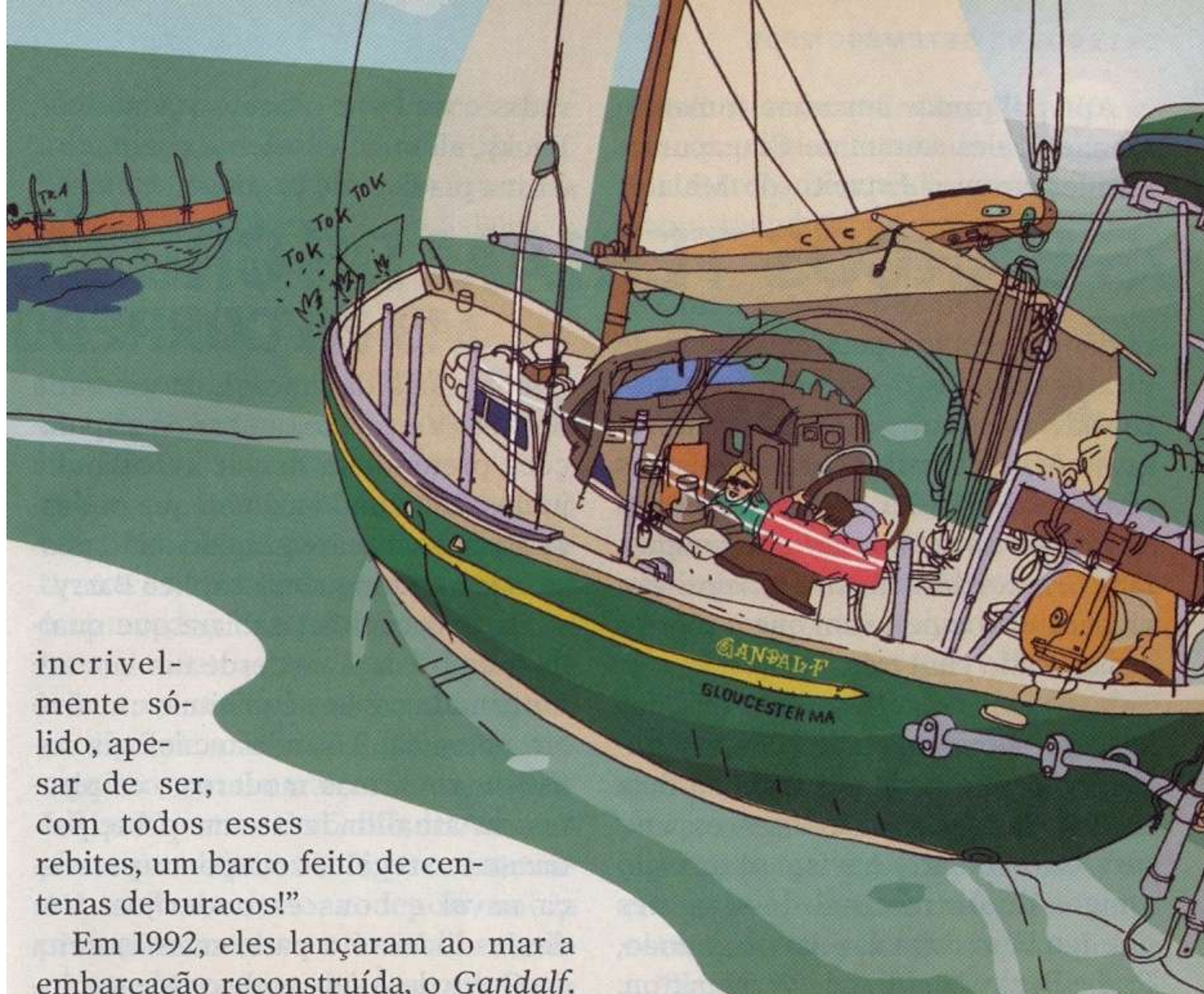


Velejar ao redor da Terra era um objetivo comum desde o segundo encontro do casal. Quando menino, Barry ficava olhando um mapa do mundo na parede de seu quarto. Carol se apaixonou por ele e, em seguida, por seus sonhos aventureiros.

Barry demorou um ano à procura da embarcação ideal. Mas, quando levou Carol ao estaleiro para finalmente conhecer o barco, sua mulher achou que fosse brincadeira. “O negócio parecia uma caixa flutuante”, lembra ela.

Construída em 1960, a chalupa era um destroço carbonizado. Apesar do casco com 5 mm de aço e do mastro de madeira de 19 m, um incêndio no estaleiro havia queimado a pintura do lado esquerdo. As velas de lona e o cordame originais ainda se achavam a bordo – e mofados. Havia lixo no convés.

No ano seguinte, trabalhando à noite e nos fins de semana, o casal reconstruiu a chalupa, descobrindo uma estrutura original fantástica. “Além do aço”, diz Barry, “o casco é reforçado com cantoneiras de ferro rebitadas a cada cinco centímetros. É



incrivelmente sólido, apesar de ser, com todos esses rebites, um barco feito de centenas de buracos!”

Em 1992, eles lançaram ao mar a embarcação reconstruída, o *Gandalf*. O nome é uma homenagem ao mago de *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien. Em novembro de 1999, o casal partia de Massachusetts, nos Estados Unidos, para realizar seu sonho: a volta ao mundo. As longas férias os levariam aos lugares mais bonitos do planeta, e também aos mais traiçoeiros: trechos oceânicos conhecidos por abrigar piratas.

Em março de 2000, Carol Martini e Jay Barry já haviam velejado pelo litoral atlântico americano, cruzado o Caribe e entrado no Canal do Panamá. Em novembro, tinham visitado as ilhas Galápagos, as Marquesas, Fiji e a maior parte da Polinésia, antes de chegar a Bundaberg, na Aus-

trália, para seu primeiro inverno.

– Nós percorremos 23.500 quilômetros a vela em um ano, o que não é nada recomendável. Foi muito difícil – admite Barry.

– Foi, sim – concorda Carol –, mas nós aproveitamos muito.

O *Gandalf* prosseguiu em sentido norte, pela Indonésia, parando para ver os dragões de Komodo antes de seguir para Bali. Eles exploraram Sumatra e Kalimantan e rumaram em direção a Cingapura. Até então, a viagem havia superado os sonhos de infância de Barry.

Após algumas semanas tomando coragem, eles saíram de Cingapura e atravessaram o Estreito de Malaca,

radas e de bons charutos. A mulher, Becky, além de excelente cozinheira, é uma piadista de primeira.

OS BARCOS TERIAM DE CRUZAR O CORREDOR

região conhecida pela existência de piratas ousados o bastante para atacar navios de carga. “Então lá estávamos nós, preparados para os infames piratas do Estreito de Malaca, e não aconteceu nada além de uma tempestade”, recorda Carol. Ao seguirem viagem, eles esperavam que o pior tivesse ficado para trás.

NO FIM DE DEZEMBRO de 2004, o *Gandalf* se encontrava ancorado na Baía de Nai Harn, na Tailândia. A essa altura, Carol e Barry haviam se tornado amigos de outro casal de viajantes que também dava a volta ao mundo, Rod e Becky Nowlin, de Washington. Os Nowlins viajavam em seu barco de 13 metros, o *Mahdi*: palavra árabe que significa “salvador” ou “pacífico”.

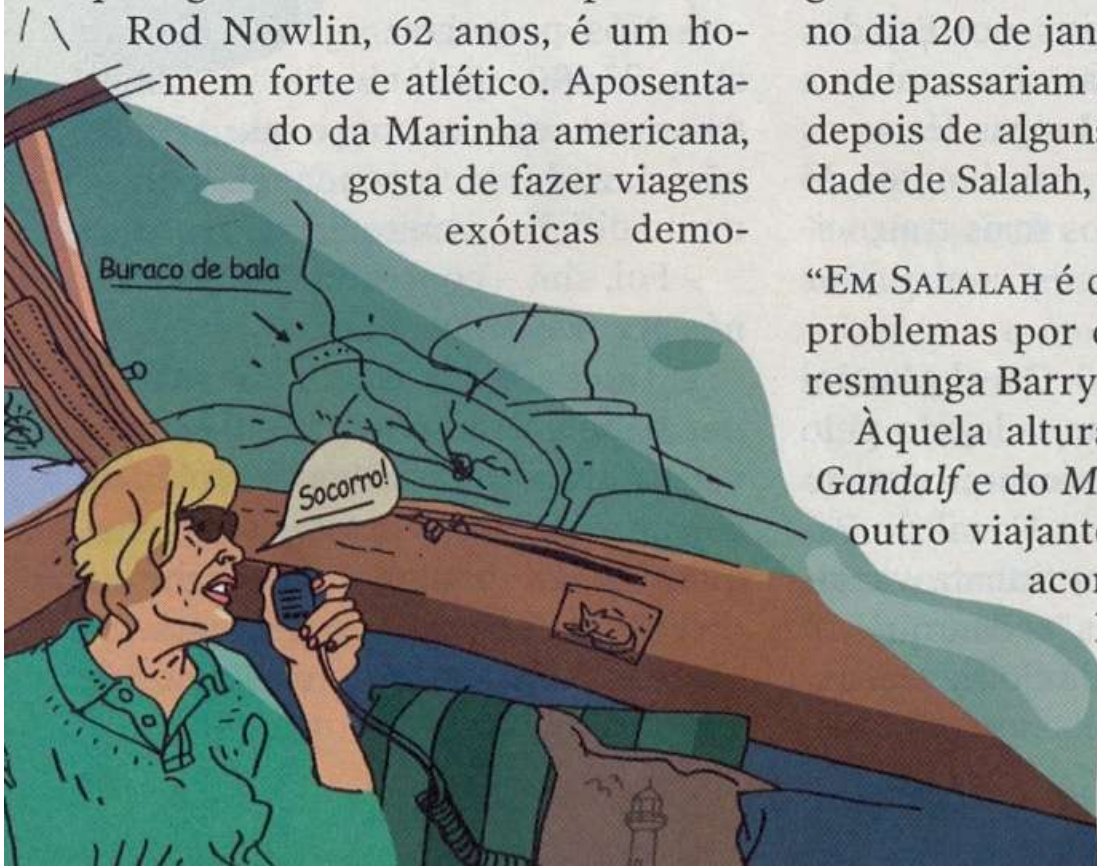
Rod Nowlin, 62 anos, é um homem forte e atlético. Aposentado da Marinha americana, gosta de fazer viagens exóticas demo-

Por causa da ameaça de pirataria no Mar Vermelho, ambas as tripulações pretendiam deixar a Tailândia juntas. “Eu queria alguém que pudesse atravessar a área rápido. Não posso carregar ninguém”, explica Barry.

Os dois capitães sabiam que qualquer embarcação – desde um iate até um grande navio – constituía um alvo em potencial. Usando tecnologia sofisticada e armas modernas, os piratas da atualidade atuam principalmente em regiões com pouca presença naval e bons esconderijos. Um desses locais é a parte mais estreita do Golfo de Áden, onde o Oceano Índico separa a Somália do Iêmen. É uma zona conhecida entre os navegantes como Corredor dos Piratas. E, no dia 20 de janeiro de 2005, era por onde passariam o *Gandalf* e o *Mahdi*, depois de alguns dias parados na cidade de Salalah, em Omã.

“EM SALALAH é que começamos a ter problemas por causa de um idiota”, resmunga Barry.

Àquela altura, os tripulantes do *Gandalf* e do *Mahdi* haviam ajudado outro viajante – um californiano acompanhado da mulher, numa embarcação menor, menos potente – a conser-



tar seu barco em diversos ancoradouros desde a saída da Tailândia. “Aquele cara não podia estar no mar”, reclama Barry. E, em Salalah, o barco menor apareceu de novo, insi-

DOS PIRATAS EM

nuando-se nos planos das outras embarcações.

Barry e Rod Nowlin sabiam que a terceira embarcação, uma chalupa de 11 metros, não seria capaz de manter o ritmo dos barcos maiores. Junta-ram-se a outro barco, um Catalina de 11 metros muito bem capitaneado e, no dia 7 de março de 2005, os quatro seguiram para o traiçoeiro trecho de mil quilômetros do Golfo de Áden. O plano era viajar o dia inteiro, mantendo um bom ritmo, e depois, sob a proteção da noite – com rádios desligados e luzes apagadas –, atravessar o Corredor dos Piratas para chegar ao porto de Áden, no Iêmen.

O barco californiano logo quebrou, e o homem começou a usar o rádio para pedir conselhos. “A noite toda conversamos pelo rádio, tentando diagnosticar o problema”, diz Barry.

Por fim, na manhã do dia 8 de março, as duas embarcações menores ficaram para trás a fim de se reorganizar, deixando o *Mahdi* e o *Gandalf* seguirem em frente sozinhos.

Eles avançavam para o Corredor dos Piratas com 14 horas de chamadas de emergência antecipadas alertando todos que se encontravam ao alcance. Ainda pior: teriam de cruzar a área à luz do dia.

ÀS NOVE DA MANHÃ, a uns 50 quilômetros da costa iemenita de Al Mukalla, dois barcos compridos e estreitos – impulsionados por grandes motores de popa – passaram pelo *Mahdi* e pelo *Gandalf*, vindos de trás.

PLENA LUZ DO DIA.

Indiferentes, o *Mahdi* e o *Gandalf* seguiram viagem. Uns 25 quilômetros adiante, os barcos voltaram, dessa vez indo na direção dos veleiros. “Vi, então, que eles estavam marcando nosso trajeto”, diz Barry. “Logo entendemos que estávamos em perigo.”

Os barcos se aproximaram mas foram embora. Oito horas depois, após percorrer mares desertos, Carol viu algo ao longe. Duas novas embarcações – maiores, com motor de centro – semi-ocultas pelo clarão do sol.

“Esses barcos chegaram atirando”, disse Carol. “Um veio pelo nosso estibordo; o outro, pelo bombordo do *Mahdi*. Ambos tinham hastes de dois metros na amurada, cobertas por uma lona laranja, de modo que não víamos quantas pessoas havia em cada barco. Eles atiravam e depois se abaixavam atrás da lona.”

À medida que as balas atingiam as janelas, elas despedaçavam os pilares de metal da amurada e atravessavam o mastro de madeira de 30 cm de diâmetro do *Gandalf*. Carol se mantinha agachada no interior do barco, enquanto Barry ficava ao timão, procurando manter o máximo de casco de aço entre ele e os piratas. Se quisessem matá-lo, teriam de suar.

Quando olhou para o *Mahdi*, Barry viu Becky Nowlin pilotando – curiosamente, Rod não estava à vista –, e

rada eram na verdade suportes rudimentares, apoios que por algum motivo os piratas precisavam usar.

"SEGURE-SE EM ALGO!

quando o segundo barco pirata se aproximou, os bandidos começaram a atirar em Becky, que se escondia atrás do leme.

Então, trazendo a espingarda calibre 12 que guardava para emergências, Rod Nowlin surgiu na escada do tombadilho do *Mahdi*, bem a tempo de uma bala passar zunindo por sua cabeça. Voltando-se, viu aquela mão estendida sobre a lona laranja do segundo barco, atirando nele com um AK-47. As balas atingiram o mecanismo de pilotagem automática do *Mahdi*, lançando estilhaços quentes de aço inoxidável em Rod e Becky, queimando-lhes as pernas.

Rod Nowlin empunhou a espingarda para revidar, mas se viu cara a cara com um pirata. Esse não tinha mais de 17 anos.

“Era um garoto, num barco cheio de homens”, diz Nowlin. “E eu estava de frente para ele, olhando-o nos olhos... não consegui atirar.” Com a arma, Nowlin pediu ao jovem que se abaixasse. O garoto obedeceu, e Nowlin atirou no barco, respondendo à saraivada de projéteis de AK-47.

O barco pirata que atacara o *Gandalf* finalmente estava longe, mas não desistira. Deu meia-volta, preparando-se para uma segunda investida. Pela primeira vez, Carol e Barry viram que as hastes compridas da amu-

VOU BATER COM O BARCO!

“Eles queriam subir a bordo”, conta Barry. “Estavam voltando e atirando.” O ruído de uma bala que por pouco não o atingiu confirmou algo que Barry já sabia: ele e Carol morreriam se ele não fizesse algo. Mas não havia nenhum lugar aonde ir. Eles não podiam se esconder e não deixariam para trás os velozes barcos a motor dos piratas. Barry só tinha uma opção.

“Gritei para Carol: ‘Agarre-se em algum lugar. Vou jogar o barco em cima deles!’”

Com a vela grande erguida e imprimindo ao motor toda a velocidade, Barry girou a roda do leme, virando o *Gandalf*. Então avançou na direção dos piratas, só diminuindo a velocidade depois de os ter atingido a meia-nau.

O casal pôde ver os criminosos pela primeira vez. “Quando batemos no barco, vimos quatro piratas a bordo, com os olhos arregalados. Não pareciam estar acostumados a revides daquele tipo”, diverte-se Barry. “Quando nossa proa os atingiu, o barco deles adernou em direção ao nosso. O bordo mais próximo se prendeu debaixo da nossa proa, então o convés ficou completamente exposto. Eles estavam virando.”

O veleiro continuava avançando, penetrando o convés interno do barco pirata. Barry tentou dar ré para se soltar, mas não conseguiu. O outro barco estava preso à proa do *Gandalf*.

ENQUANTO BARRY tentava imobilizar o primeiro barco, o segundo – que fugira do *Mahdi* por causa dos tiros de espingarda de Rod Nowlin – também se voltava para atacar Barry e Carol, aproximando-se do já debilitado *Gandalf* por trás, com dois piratas armados na proa, prestes a subir a bordo.

“Eu estava no interior do barco, usando o rádio para pedir ajuda”, diz Carol. “E, de repente, vi duas cabeças atrás de Jay.”

Ouviu-se um último disparo, e eles se foram. Rod Nowlin havia atirado nos homens. “O único pirata em quem não atirei foi o garoto que vi primeiro”, recorda Nowlin. “Não sei o que aconteceu com ele.”

Em poucos segundos, os veleiros seguiam viagem para o noroeste, deixando as embarcações piratas para trás. “Acho que o mar é que acabou

soltando o primeiro barco da nossa proa”, explica Barry.

No fim, Rod Nowlin tinha atirado seis vezes. Os barcos piratas se achavam à deriva, gravemente danificados.

Um dia depois, o *Gandalf* e o *Mahdi* chegavam ao porto de Áden, no Iêmen. As balas tinham atingido o *Gandalf* em 14 lugares, e o abalroamento havia feito um buraco na proa. “Aqueles piratas maltrataram o velho *Gandalf*”, lamenta Barry.

Carol e Barry esperam que os governos locais aprendam com essa experiência, e que tomem medidas concretas. “Pedimos às autoridades que ofereçam mais segurança aos turistas”, diz Barry. “Talvez pudessem acompanhar os veleiros na travessia da área. Mas, até agora, eles se mantiveram surdos aos nossos apelos.”

E quanto aos dois barcos menores, principalmente aquele com tantos problemas mecânicos, que o *Gandalf* e o *Mahdi* deixaram para trás?

Carol Martini ri. “Passaram sem transtorno pelo Corredor dos Piratas”, diz. “Dá para acreditar?”

ENTENDI DIREITO?



Eu estava parado em um cruzamento movimentado quando duas mulheres que carregavam sacolas de compras desceram do ônibus conversando animadamente. Elas tinham se despedido e iam em direções opostas quando uma disse para a outra:

– Ligo para você quando chegar em casa.

Um minuto depois ela voltou atrás:

– Melhor você me ligar, pois vai chegar em casa antes de mim.